



European Bible College
Library

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 1 DE JUNHO DE 1981



na defensiva

Pedro estava na defensiva quando fez a introdução da sua primeira mensagem pregada sobre o Pentecostes: "Estes homens não estão embriagados", disse à laia de desculpa pelo comportamento exuberante dos discípulos cheios do Espírito. Usou até o relógio para reforçar o ponto (Actos 2).

Ainda hoje mensageiros de Jesus Cristo se vêm forçados a incluir recursos defensivos na proclamação da descida e da obra do Espírito Santo. Mas, contrariamente ao que aconteceu no dia de Pentecostes, os críticos de agora evitarão a grosseria de insinuar que os crentes se acham "cheios de mosto". Argumentarão polidamente, até com elaborados conceitos teológicos nos quais flutuam fragmentos desgarrados da Bíblia. Falarão da estrutura humana e de fraquezas intransponíveis que nos prendem, por isso, a uma eterna servidão da carne.

Mas a mensagem do milagre do Espírito no cristão vem solidamente grudada ao Cristianismo. Faz parte deste como a estrela, a manjedoura, a cruz e a tumba vazia. Presente, embora, na profecia de Joel, o derramamento do Espírito sacudiu como um fenómeno, para muitos uma excentricidade do álcool, o mundo dos religiosos contemporâneos do apóstolo Pedro.

A oposição virulenta não emudeceu as testemunhas do Pentecostes. Entretanto, será bom lembrarmos como foram tratados os críticos da época; não com ar de superioridade espiritual ou com a condescendência dos que se crêem favoritos de Deus.

Muita tinta evangélica é ainda gasta na montagem de uma defensiva. Mas o Espírito Santo dispensa advogados. A defesa da Sua presença e eficácia compete às testemunhas da Sua obra.

A mensagem de Pedro encontrou, cedo, a via segura: enraizou-se nas Escrituras, centralizou-se em Cristo e apoiou-se na evidência estampada em cada um dos 120 que receberam, naquele dia, o Espírito Santo. A pregação não apoucava os críticos, mas convidava-os a experimentarem a universalidade da oferta:

A promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar. □

—Jorge de Barros



PENTECOSTES —QUEBROU O SILÊNCIO ENSURDECEDOR



—Eugene L. Stowe
Superintendente Geral

Numa viagem a África, minha esposa e eu tivemos o privilégio de visitar o nosso trabalho em Zimbabue (Rodésia). Duas semanas antes da nossa chegada, terroristas tinham atingido um avião comercial matando os 59 civis a bordo. Realizou-se um serviço religioso pelas vítimas da tragédia. O título da mensagem pregada por um bispo anglicano foi: "O silêncio ensurdecidor". Nela comentou a atitude de vários governos ocidentais em se pronunciarem publicamente contra a violação dos direitos humanos dos guerrilheiros da região. No entanto, acrescentou ser estranho que as notícias do assassinato dos civis fossem recebidas com "silêncio ensurdecidor".

Sem nos intrometermos nessa controvérsia política, notemos que o Pentecostes ainda nos recorda um silêncio mais ensurdecidor que fora enfim quebrado. As notícias gloriosas da morte expiatória e da ressurreição triunfante de Cristo mantiveram-se em segredo. Em vez de serem proclamadas desde os telhados, eram comentadas pelos discípulos em voz baixa—e apenas numa reunião executiva. Ir por todo o mundo e exaltar Jesus? De forma alguma!

Não o poderiam fazer com seus recursos humanos tão limitados. Jesus sabia-o. Mas também reconhecia que o Pentecostes lhe traria auxílio ilimitado e sobrenatural—o Espírito Santo. O Mestre prometeu aos Seus seguidores: "Recebereis a virtude (poder) do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós". Este poder os capacitaria a "ser testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra" (Actos 1:8). Também o Pentecostes quebrou o silêncio ensurdecidor acerca do Salvador

... nas esquinas das ruas e nas sinagogas;
... através da pregação em público e evangelismo pessoal;
... em Jerusalém e em toda a parte.

Ainda hoje o Pentecostes destrói as barreiras do silêncio. Numa carta dum jovem cristão que recebeu a plenitude do Espírito Santo, ele compartilha este testemunho: "Duas vezes na semana passada fui usado por Deus para que uma moça que trabalha comigo, ouvisse o evangelho do amor divino. Ela precisava desse amor na sua vida. Em duas ocasiões conversámos sobre as nossas vidas e ela ouviu com atenção as palavras que Deus me deu para compartilhar o que Ele fez em mim e a realidade do que Ele é e deseja ser em cada um de nós".

Aleluia! O Pentecostes quebrou o silêncio ensurdecidor. □

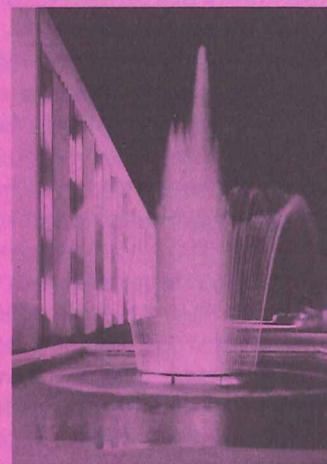
O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume X
1 de Junho de 1981
Número 11

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



Capa:

Vista nocturna de um dos edifícios da sede internacional da Igreja do Nazareno.

ano do
Ministro

Nenhum grupo de homens e mulheres assistiu a acontecimentos tão extraordinários como os seguidores do Senhor Jesus. Em Actos 10:38 lemos: "Deus ungiu Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou fazendo bem, e curando a todos". Eram irresistíveis o poder e a graça de Deus que irradiavam da Sua vida. O Seu impacto nos discípulos foi decisivo. As pregações e os milagres do Mestre testemunharam da Sua graça e poder.

Estas experiências foram interrompidas pela prisão, julgamento e crucificação de Jesus. Os discípulos ficaram desanimados, decepcionados, desesperados e amedrontados. Sentiam-se oprimidos pela incerteza dos acontecimentos. O seu mundo encantado desmoronara com a rapidez dum relâmpago. Findara em agonia.

A emoção dos discípulos dificultara a sua crença na ressurreição. A tumba vazia, as aparições do Senhor, a ascensão e a mensagem dos anjos encheram-nos de alegria (Lucas 24:52). Aparentemente estavam preparados para compartilhar as boas novas da ressurreição; talvez até estivessem ansiosos por começar.

Mas o Mestre pensava de maneira diferente. Ordenou-lhes: Ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lucas 24:49). Antes de "ir" precisavam de esperar.

A nossa teologia da experiência cristã nem sempre se harmoniza com este modelo bíblico. Dizemos aos recém-convertidos que, depois de salvos, estão aptos a actuar. Animamo-los a testemunhar da maravilhosa experiência que o Senhor lhes concedeu. Mas esquecemo-nos que Jesus ordenou aos Seus discípulos que esperassem até serem revestidos de poder.

Seremos salvos sem a presença do Espírito Santo? Estarão após a conversão os novos crentes preparados para servir? Ao ver o interesse de Jesus pelos discípulos, podemos concluir que não o estão até serem cheios do Espírito Santo. Não há verdadeira experiência de salvação sem a presença do Consolador. Esperemos até que o Senhor nos ordene.

Quando principia o tempo de espera? No momento em que se descobre a realidade da natureza carnal, ou depois de anos de luta contra ela, quando o desespero nos invade? Muitas vezes é essa a peregrinação do cristão neste mundo.

A nossa teologia da experiência cristã limita-se quase sempre, a um modelo estranho ao praticado por Jesus e Seus apóstolos. Os cristãos da igreja de Corinto são exemplo de falhas comuns: retardaram a busca da plenitude do Espírito Santo.

A doutrina neo-testamentária apoia a ideia que o tempo de espera começa no momento da conversão. Não é preciso aguardar que a carnalidade domine.

Temos dependido em excesso da *necessidade* de limpeza para motivar a busca do Espírito Santo. Ele é apresentado como agente purificador. Mas os nossos esforços devem basear-se nas *promessas* do Pai e do Filho. Jesus Cristo recebeu em oração a promessa do Pai que enviaria o Espírito Santo para permanecer com Seus discípulos.

Além do desejo de receber o Espírito Santo, existem outros factores:

1. A necessidade que o recém-convertido tem da ajuda do Consolador.
2. Ao descer sobre o cristão, o Espírito Santo purifica a alma.
3. A Sua presença dá poder, ensina e guia em toda a verdade. A Sua natureza santa é transmitida à vida do crente. Este, por sua vez, dá testemunho através de suas acções.
4. O recém-convertido precisa do Espírito Santo para compreender e amar o Senhor Jesus. O Espírito Santo não Se glorifica a Si mesmo, mas a Cristo. Ninguém se pode assemelhar ao Filho de Deus sem ter a presença do Espírito.

Dirijamos os novos crentes ao Pentecostes pelo caminho que Deus estabeleceu. Salvemo-los do perigo e da opressão da carnalidade: da dúvida, do fracasso e da confusão espiritual. □

o caminho para o pentecostes

—Ralph A. Gallagher

a base da nossa fé

—H. T. Reza

A palavra *base* refere-se a determinado fundamento; e *nossa fé*, à doutrina básica da nossa igreja, conhecida como a inteira santificação.

Em 1952 George Allen Turner escreveu um livro que figura entre os clássicos da santidade. Nele seguiu a trajetória doutrinária desde o Velho até ao Novo Testamento e do princípio da história até ao movimento wesleyano. Depois, analisando as ideias de Wesley, valorizou-as no contexto da base do Protestantismo.

Em 1980 o mesmo autor escreveu outro, seguindo método idêntico. Expõe as fontes e características distintivas da santidade, a doutrina do Espírito Santo, incluindo a acção social e religiosa de interesse premente.

Na análise que fez da mensagem de santidade do Novo Testamento, assegura que a possibilidade de uma vida santa neste mundo é não só implícita, mas também extensiva. Menciona várias espécies de santificação.

Uma delas é a santificação objectiva que se refere tanto a coisas como a pessoas. Por exemplo, em Mateus 23:19, "o altar santifica a oferta", pressupõe que uma vez posta no altar deixa de pertencer ao ofertante. É santificação proveniente do contacto ou proximidade física. Explica em parte o que acontece com alguns crentes que não querem que se coloque outro livro sobre a Bíblia por considerá-la santa.

Esta santificação também se aplica a pessoas: quando "os filhos de Aarão foram santificados" para o ministério sacerdotal. Turner declara: "Quando um leigo é ordenado ministro do evangelho, adquire santidade que antes não possuía".

Com frequência o Dr. William Greathouse explica aos candidatos à ordenação que a imposição das mãos, que teve início na Igreja Primitiva, continua como tradição ao longo dos séculos, sempre que uma igreja determina a imposição das mãos aos candidatos.

O homem ordenado pode não ser santo de carácter; mas, ao ser apartado para o ministério, torna-se profissionalmente santo.

A outra divisão é a "santificação inicial". Em I Coríntios 1:2 Paulo chama aos cristãos "santificados em Cristo Jesus"; anteriormente, tinha dito aos romanos que foram "chamados santos" (1:7). A santificação inicial, diz Turner, "é a que reconhece que a separação do mundo e a consagração a Deus são requisitos prévios indispensáveis ao crente."

Em seguida ele fala da santificação progressiva. "Esta corresponde a uma vida justa que começa na conversão e continua até à morte." É o lado positivo da justificação e "relaciona-se com a obra do Espírito Santo que possibilita a renovação de sua natureza à semelhança da de Deus".

Finalmente, a inteira santificação, diz Turner, "é a convicção de que a renovação positiva que Deus opera na natureza decaída, pode concretizar-se por fé, num momento, antes da morte, logo que se cumprem as condições de entrega e confiança em Deus."

A inteira santificação tem duplo aspecto: *negativo*—separação do pecado pela graça de Deus (Romanos 6:1-11); *positivo*—resultado da obra do Espírito Santo na alma: purificando, limpando, renovando. Em tudo sobressai o reconhecimento de Deus como o único eternamente santo e a nossa dedicação ou consagração total ao Senhor.

Esta é a posição wesleyana—a base da nossa fé. □

ANANIAS E O SENHOR

—Vernon L. Wilcox

Talvez você nunca tenha ouvido um sermão completo sobre Ananias. No capítulo 5 de Hebreus fala-se dum Ananias que mentiu ao Espírito Santo e morreu. Mas o Ananias de Actos 9 é muito diferente. Ele batizou o novo cristão que veio a ser o apóstolo Paulo; guiou-o à vida plena do Espírito e interpretou a visão celeste. Quem não desejaria ser escolhido por Deus para iniciar Paulo no seu grande ministério?

No capítulo 9 de Actos há quatro declarações que definem a vida de Ananias.

1. *Eis-me aqui, Senhor.* É como se hoje respondesse ao telefone: "Faça o favor de falar, estou atento". Resposta encorajadora dada antes de ser especificado o propósito da chamada. A seguir vêm as instruções e directrizes. É assim que devemos responder a Deus: com atitude imparcial de obediência, mesmo antes de saber o conteúdo da chamada.

Não ponhamos condições à nossa consagração. Nem esperemos que Deus se submeta às nossas palavras. O Senhor é soberano e todo-poderoso. Em vão tentaremos subterfúgios para fazer a nossa vontade.

O cristão que pretende dar ordens a Deus debilita a sua alma com desilusões espirituais. Cuidado com a teologia simplista: "Você pode ter o que quiser, basta desejá-lo fervorosamente". Esta declaração é falsa.

2. *Senhor, a muitos ouvi, acerca deste homem.* Ananias respondeu com lógica ao saber que o Senhor queria que ele ministrasse a Saulo, o perseguidor temido. Ele ficara atônito. O Senhor dera-lhe uma missão incrível: "Vai, porque este é para mim um vaso escolhido" (Actos 9:15). Seria o mesmo que ir pregar a um dirigente ateu, sabendo que a prisão seria o resultado menos doloroso.

A resposta de Ananias é compreensível. Não se rebela contra o plano de Deus, apenas deseja mais luz.

Não é pecado perguntar a Deus algo com o propósito de fazer a Sua vontade, logo que certos dela. O Senhor nunca pede obediência cega. Quer que Lhe obedecemos com olhos abertos. A diferença entre incredulidade e o acto de pedir explicação é que a primeira é rebelião espiritual contra Deus; a segunda executa a vontade de Deus, logo que conhecida.

3. *Disse-lhe, porém, o Senhor.* É a parte mais difícil. O que Deus transmite é fundamental para Seus filhos. Aqui não há repreensão, apenas uma ordem directa: "Vai e faze o que te mando. Isso é importante".

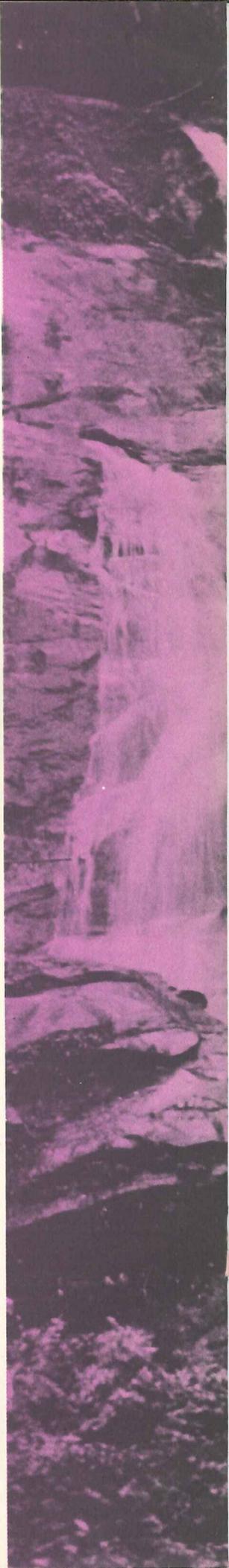
Então o Senhor prosseguiu na explicação do Seu plano: "Saulo levará meu nome diante dos gentios, e dos reis e dos filhos de Israel" (Actos 9:15).

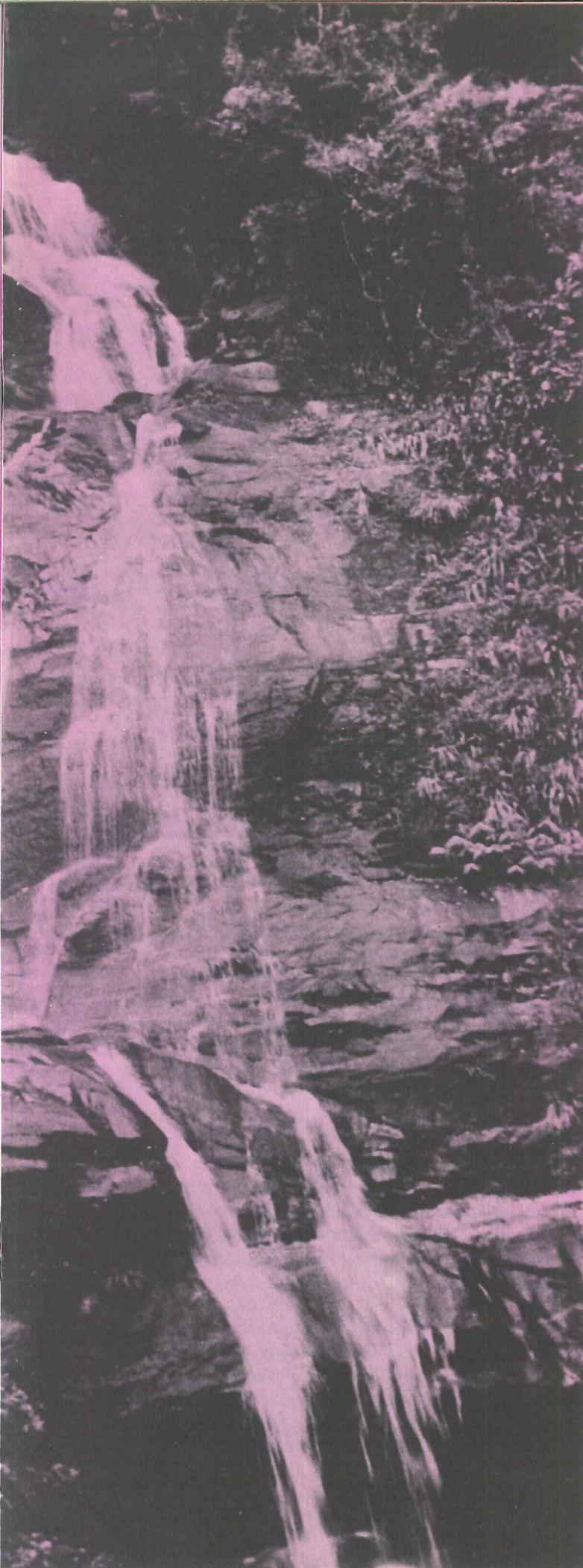
Ainda hoje Deus nos fala e mostra Seu caminho. Nem sempre por visões ou circunstâncias extraordinárias, mas muitas vezes por convicção firme de que tal rumo é o melhor. Sejamos cuidadosos em não tentar Deus quanto a sinais e prodígios para conveniência de crentes sem madureza espiritual.

4. *Ananias foi.* Que significado maravilhoso o destas palavras! Humanamente falando, Ananias ia meter a cabeça na boca do leão. Se errasse, seria a última vez. Mas ele estava seguro do passo que ia dar. O Senhor prepara sempre o caminho antes de no-lo indicar. Ananias encontrou um Saulo submisso, disciplinado, transformado e pronto a empreender o seu ministério.

Lutar em oração toda a noite está certo quando o nosso propósito é fazer a vontade de Deus. No entanto, ao receber a direcção divina, prossigamos sem olhar para trás.

A recompensa é gloriosa. O centro da vontade de Deus é o melhor lugar para nós. Qualquer que seja a ordem, se o Senhor está no nosso coração, será realizável "Se Cristo comigo vai, eu irei". □





a presença contínua

—W. E. McCumber

O Pentecostes é dos eventos mais emocionantes na história da Igreja.

O som de vento forte e impetuoso encheu a casa onde os discípulos se encontravam em oração. Línguas de fogo pousaram sobre a cabeça das pessoas presentes. Cheios do Espírito Santo, os discípulos começaram a testemunhar de Cristo em idiomas que eles não tinham aprendido. A multidão que os ouvia falar na sua própria língua, estava maravilhada; naquele dia 3 000 almas se converteram e foram batizadas. Acontecimento extraordinário!

No entanto, o maior valor do Pentecostes não radica em sinais de vento, de fogo e de línguas, nem na colheita evangelística desse dia. Então como hoje, o mais importante do Pentecostés é a presença permanente do Espírito Santo.

Jesus tinha prometido: "Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre" (João 14:16). O Espírito Santo tem sido chamado o *alter ego*—outro eu—de Jesus. O Espírito Santo é a forma de nosso Senhor estar sempre presente no meio do Seu povo.

A presença de Jesus durante a Sua vida terrena era localizada e transitória. Ele só podia estar num lugar de cada vez. Por isso, a fortaleza dos discípulos desaparecia quando o Mestre se ausentava. Mas na Pessoa e poder do Espírito, nosso Senhor Jesus Cristo está presente em todos os lugares e circunstâncias. Assim a nossa alma se acha permanentemente fortalecida contra as pressões da vida.

Jesus declarou: "Não vos deixarei órfãos" (João 14:18). Sem Ele seríamos órfãos num mundo cruel e confuso, enfrentando provas exteriores e aflições interiores. Através do Espírito Santo que permanece em nós temos identidade e segurança no meio das vicissitudes e perigos da vida.

O vento, o fogo, as línguas—são estimulantes mas dispensáveis. Entretanto, o Consolador—o Espírito vivificador, santificador e cuja presença em nós é permanente—é o valor supremo do Pentecostes. □

Enquanto lia II Coríntios, na parte que fala do amor, considerei as palavras de Paulo, bem conhecidas: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós" (II Coríntios 13:13). O Apóstolo diz que, como cristãos, devemos desfrutar do amor de Deus e da "amizade" do Espírito Santo. Nunca antes pensara nisso. Mas afinal o conceito parece exacto.

A palavra que Paulo usou é traduzida, frequentemente, por comunhão ou companheirismo. Porém, quanto mais penso mais me convenço que "a amizade do Espírito Santo" é uma nova revelação da verdade de Deus. Em João 15, Jesus disse que já não chamaria aos Seus discípulos servos, mas amigos: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos. Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque, tudo quanto ouvi de meu Pai, vos tenho feito conhecer" (João 15:13-15).

Jesus é nosso amigo e o Espírito Santo, o outro Consolador, nos oferece a Sua amizade, por meio da qual nos purifica, capacita e guarda.

As três definições de "amigo" que se seguem, aplicam-se ao Espírito Santo:

1. Pessoa em quem depositamos confiança.

Sem confiança, não há amizade. Quando a primeira é limitada a outra é incompleta. Amigo é alguém em quem confiamos completamente.

Certa tarde telefonei a uma senhora crente da nossa congregação, que se encontrava internada no hospital. Disse-me que levava uma mala de mão com suas pertencas, mas que se esquecera da chave para a fechar. Além disso, conservava nela algum dinheiro que temia perder. Pediu-me que lho guardasse até sair do hospital. Eu perguntei-lhe: "Quer que lhe passe algum recibo?" Ela respondeu: "Não é preciso". Depositava confiança em mim.

O Espírito Santo é um Amigo em quem o crente pode confiar plenamente. Jesus chamou-O Espírito de verdade (João 14:17); predisse que Ele viria com poder e assim aconteceu (Actos 1:8); que O glorificaria (João 16:14). Tudo o que Jesus disse do Espírito Santo é verdade. Confiemos n'Ele.

No mundo impera o espírito de maldade. Satanás promete o que não cumpre. É mentiroso. O Espírito Santo é amigo sincero. Está pronto a receber-nos. Nunca nos guiará pelas sendas do mal.

É nosso verdadeiro amigo.

2. Ele nos inspira ao melhor.

Alguém perguntou a Henry Ford: "Quem é o seu melhor amigo?" O inventor pensou um pouco e respondeu em seguida: "Meu verdadeiro amigo é aquele que me faz revelar o

A AMIZADE DO ESPÍRITO SANTO

—Hal Bonner

melhor do meu ser".

O Espírito Santo somente deseja que revelemos o melhor de nós mesmos. O Seu propósito é tornar-nos bons filhos de Deus.

Desde que começa a Sua obra em nós, aponta para horizontes mais elevados. Condena o pecado e cria em nós fome de santidade. Com voz meiga convida-nos a regressar ao Salvador. Quando há perigo de nos afastarmos do bom caminho, repreende-nos; e alegra-Se quando andamos na luz.

O Espírito Santo deseja moldar-nos à imagem de Cristo. Capacita-nos a viver com o Senhor na eternidade. Torna-nos novas criaturas "em verdadeira justiça e santidade" (Efésios 4:24).

3. O Espírito Santo compartilha conosco.

Aristóteles disse: "Um verdadeiro amigo é uma alma em dois corpos". A nossa amizade com o Espírito Santo torna-se realidade quando, voluntariamente, deixamos que entre no nosso coração e aceitamos Sua autoridade. Jesus declarou: "O Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco" (João 14:17). O Espírito Santo não busca o mundo. Os caminhos do mundo não são os de Deus.

Jesus disse aos discípulos: "Vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós". Contamos, pois, com a amizade do Espírito Santo sendo nós do mesmo parecer que Ele. □





a importância do pentecostes

—Ross W. Hayslip

Foi de vitória a mensagem da Igreja do Novo Testamento. Entretanto, o evangelho não é simplesmente uma recordação de algo que aconteceu no passado. É concretização no presente dessa vitória.

O Espírito Santo não é lembrança de Jesus nem aspiração de Seus "ideais"; é o próprio Deus operando nos homens através de Sua vida, morte e ressurreição. O Pentecostes significa a presença e o poder de Deus no coração do Seu povo. É Ele que conserva viva a Igreja e a impede de se deteriorar num museu eclesiástico. A experiência pentecostal possibilita a nossa crença em Deus e no homem. Ajuda-nos a servir dentro da estrutura duma igreja organizada com um credo definido.

Existe, actualmente, quem procure substituir a salvação de Jesus Cristo por uma forma de idealismo moral e espiritual que simpatize com os "valores cristãos" e seja fiel ao "espírito do Cristianismo"; mas que desconfie do credo e dos membros da Igreja Cristã.

O maior evento da história mostra que o Cristianismo não é idealismo. Ele vinca mais a realidade do facto que aspirações morais. É a boa nova do que Deus fez e continua através dos benefícios da redenção por Seu Filho; o qual deu aos homens o poder de se tornarem filhos de Deus e de usufruírem comunhão com Ele pela presença do Espírito Santo revelada na experiência pentecostal.

O poder do Pentecostes capacita-nos a permanecer leais à nossa crença. O cristão cheio do Espírito Santo vê a grandeza de Deus acima de todos os alvos da vida.

Deus, habitando nele, dá-lhe acesso a poder ilimitado. Alegra-se quanto ao passado, pois vê nela as obras do Espírito Santo na vida da igreja. Preparado pelo poder do alto, trabalha no presente e antevê um futuro glorioso dominado por um "amor sem fim". Sente-se feliz em cooperar com o Senhor no plano de desenvolvimento da vida. O Espírito Santo testifica do filho que clama: "Abba, Pai". A sua confiança em Deus é firme e o seu amor ao próximo, altruísta. Por ser filho de Deus é guiado pelo Espírito divino. É esta a resposta do Pentecostes a uma época de frouxidão religiosa. □

Há vários símbolos relacionados com o Pentecostes. A pomba simboliza tradicionalmente o Espírito Santo. No calendário da Igreja o Pentecostes é chamado "domingo das túnicas brancas", por nele se conferir o batismo.

Ao descrever os acontecimentos que acompanharam a descida do Espírito Santo, Actos 2:2-4 fala de fogo e vento. A ênfase sobre as línguas evoca o simbolismo da torre de Babel. Génesis 11:8 declara: "Assim o Senhor os espalhou dali, sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade".

Os símbolos são importantes. Originalmente, Pentecostes era uma festa judaica agrícola celebrada 50 dias depois da Páscoa. Ligava-se à colheita do trigo (Éxodo 23:16; Levítico 23:15-22). Os israelitas levavam as primícias ao templo, como oferta ao Senhor. A tradição posterior associou este chamado *Shabuoth* à entrega dos Dez Mandamentos a Moisés no monte Sinai.

A ligação de ideias do Velho Testamento faz sobressair a descida do Espírito Santo, "ao cumprir-se o dia de Pentecostes". A ascensão de Cristo e a descida do Espírito Santo têm seu paralelo na festa judaica das primícias e na entrega da lei. Há contraste entre a antiga e a nova lei. O Pentecostes antigo completou o que a Páscoa antiga iniciara; e o novo Pentecostes cumpriu o que a nova Páscoa principiara.

O fogo e o vento constituíram os símbolos mais espectaculares da experiência dos discípulos. Sempre me comoveram as palavras de Lucas: "E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso. . . E foram vistas, por eles, línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles" (Actos 2:2-3).

É evidente e lógico que estas manifestações se devem tomar como símbolos. Desconhece-se a natureza do som e do fenómeno semelhante ao fogo que apareceu sobre a cabeça dos discípulos. O versículo seis indica que se ouviu um som que atraiu a multidão, mas não esclarece se é o mesmo registado no verso dois ou no quatro.

Não quero minimizar a importância do acontecimento; todavia, para mim, o fogo e o vento são símbolos poderosos do derramamento do Espírito Santo. A Igreja Primitiva usou estas imagens para explicar algo misterioso e indiscutível. Tomar os símbolos à letra, é destruir o seu significado. Li, recentemente, de uma seita que outrora usava lume verdadeiro para a cerimónia do batismo.

O fogo e o vento são mencionados com frequência no Velho Testamento. O primeiro como meio de aperfeiçoamento e purificação, de castigo e destruição. Vem associado às aparições de Deus ao Seu povo.

Em Génesis narra-se a experiência de Abraão, quando o Senhor fez com ele um pacto. Uma das evidências da presença de Deus era o fogo: "E sucedeu que, posto o sol, houve escuridão; e eis um forno de fumo e uma tocha de fogo que passou por aquelas metades" [sacrifícios sobre o altar] (Génesis 15:17). Recordemos, também, a experiência de Moisés na sarça ardente, e os filhos de Israel guiados por uma coluna de fogo.

O vento tem vários significados no Velho Testamento. Embora transitório, o seu poder é conhecido, especialmente, por aterrorizar e arrastar objectos. Como o fogo, o vento também simboliza a evidência da presença de Deus. Jó recebeu resposta do Senhor de um "redemoinho". Os profetas falaram da tempestade do Senhor (Jeremias 23:19; Naum 1:3; Zacarias 9:14).

A experiência de Elias no deserto é outro exemplo. "Um grande e forte vento que fendia os montes e quebrava as penhas. . . porém o Senhor não estava no vento; e depois do vento um terremoto; também o Senhor não estava no terremoto; e depois do terremoto um fogo; porém, também o Senhor não estava no fogo; e, depois do fogo, uma voz mansa e delicada" (I Reis 19:11-12).

Estes símbolos que se referem à presença de Deus representam a nossa compreensão parcial. Não são em si o objectivo, mas apontam para ele. Deus falou em "uma voz mansa", a Palavra que veio na Pessoa de Jesus Cristo. O escritor da Epístola aos Hebreus declarou que Deus falou antigamente "de muitas maneiras aos pais, pelos profetas, a nós, falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho" (Hebreus 1:1). No Pentecostes, Deus desceu como Espírito; as línguas "como que de fogo" que pousaram sobre os discípulos, são emblemas duma nova comunicação—a do Espírito Santo.

No Pentecostes a proeminência das línguas foi significativa. Primeiro, notemos a relação entre o espírito e o vento, o sopro e a linguagem. No hebraico e no grego, as palavras que significam *espírito* e *vento* também incluem *sopro*. Ao serem traduzidas para o nosso idioma, perderam muita riqueza de linguagem.

Quando lemos em Génesis que o "Espírito de Deus se movia sobre a face das águas", tenhamos presente que para os leitores hebreus a palavra *ruach* evocava a imagem do vento que soprava sobre as águas e, também, a do sopro de Deus. Igualmente em João 3, Jesus disse que "o vento (*pneuma* ou espírito) assopra onde quer".

O sopro é necessário para a linguagem, para a vocalização das palavras. Ao passar pelas cordas vocais, o ar dos pulmões fá-las vibrar e formam-se os sons. Lucas declarou: "E todos foram cheios do Espírito Santo (*pneuma*), e começaram a falar noutras línguas" (Actos 2:4).

O dom do Espírito Santo tem dois efeitos: um público e outro particular. A promessa pessoal é que o Espírito Santo ajuda nas fraquezas. Paulo esclareceu: "Porque não sabemos o que havemos de pedir, como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós, com gemidos inexprimíveis" (Romanos 8:26).

O efeito público da descida do Espírito Santo foi uma das primeiras manifestações da Sua presença nos discípulos: poder para falar noutras línguas e para testificar aos representantes de várias nações presentes. Já mencionámos o simbolismo da torre de Babel. Como pela sua destruição os povos dispersaram e surgiu a confusão de línguas; assim no Pentecostes, o dom do Espírito Santo uniu as nações ao desfazer a barreira dos diferentes idiomas. □

símbolos do pentecostes

—R. A. Cameron

fogo permanente

—Eugénio R. Duarte

No povoado não havia lojas. Na provisão semanal das famílias contavam-se preciosos paus de fósforo que eram gastos com singular austeridade. Um rapazito passava com algo parecido a ninho de pardal e a nossa curiosidade não deixou de investigar. Vinha ele de “emprestar lume” e trazia brasas envolvidas em lenha e palha. Ficámos sabendo do costume da aldeia que parece remontar à Idade Média: nas cozinhas raras vezes faltam brasas enterradas em cinza que transitam de um dia para o outro e de cozinha para cozinha quando falta o lume a alguma. Daí o “emprestar lume”.

O povo de Deus oferecia holocaustos segundo normas que Moisés recebeu do Senhor com a expressa recomendação: “o fogo arderá continuamente sobre o altar; não se apagará”. Assim como o holocausto ou queima completa do animal—a oferta representava a consagração pessoal do ofertante a Deus, o fogo permanente servia de veículo para levar a Deus o sacrifício como perfume de cheiro suave. Na vida o fogo é indispensável. Se ele faltar cessam as artes, deixa de haver alimento e fogem do lar os confortos.

Deus se tem servido do fogo para revelar Sua aceitação e aprovação de actos e atitudes humanas: quando Aarão e seus filhos foram consagrados para o sacerdócio saiu fogo do Senhor e devorou o holocausto; por ocasião da dedicação do templo e do altar desceu fogo do Céu. Cumprindo-se o dia de Pentecostes... foram vistas línguas repartidas como que de fogo as quais pousaram sobre cada um deles e todos foram cheios do Espírito Santo. Desde então não faltou fogo sobre o altar do Senhor para consumir todo o “sacrifício vivo... e agradável a Deus”. É a presença do fogo que explica o mistério da vida persistente e determinada da Igreja.

A instabilidade, a vergonha, a incerteza, a indiferença, juntam-se à grande lista de características que identificam corações que ontem foram ardentes e hoje mortos. Por descuido(?) as brasas não foram bem enterradas. Descobre-se que não é possível viver com “lume emprestado”. É necessário, então, tomar do ALTAR a brasa viva que tira a iniquidade e purifica o pecado (Isaías 6:6-7). □

Foto por José Pacheco

Todos os rios do mundo se reuniram numa convenção. Estavam presentes o Tamisa, o Ganges, o Paraná, o Amazonas, o Mississippi, o Tejo e outros mais. Ao terminar a reunião, o presidente perguntou-lhes aonde iam e que iam fazer.

O Tamisa disse: Vou a Londres e ali me chamarão o maior rio da Inglaterra.

O Hudson respondeu: Vou à cidade de Nova Iorque, onde os homens construirão imensos arranha-céus nas minhas margens e me chamarão o rio mais importante do mundo.

O Mississippi disse: Juntarei todas as águas dos rios norte-americanos e as levarei para o Golfo do México. Os homens me chamarão assim "O Pai das Águas".

O Amazonas informou: Irei para a América do Sul e serei o maior rio do mundo.

Um dos rios permanecia silencioso pelo que o presidente lhe perguntou, de modo especial, para onde ia e que ia fazer.

O rio respondeu desta maneira: Sou o Nilo. Quando Deus criou o mundo, havia uma grande extensão de terra na qual nunca chovia; nem homem nem animal nem planta sobrevivia nessa região.

Por isso vou à África, para ajuntar as águas desse grande continente e vertê-las sobre as areias do deserto, levando a este vida, felicidade e beleza.

Ao ouvir tal resposta, os demais rios começaram a troçar do Nilo. Para que ir à longínqua África? Por que não procurar um melhor local?

Ele respondeu: Vou.

E foi. Deus, contemplando o Nilo, decidiu convertê-lo no rio mais sagrado da Terra. Assim, quando o povo de Deus necessitou de um profeta e libertador, Ele enviou o menino Moisés aconchegado pelas águas do altruísta rio Nilo.

Muitos anos depois, quando o povo precisou de um Salvador, Deus enviou a Seu Filho, dizendo a José e a Maria: Levai o Menino ao Egito, às ribeiras do Nilo, para que possa cumprir-se a profecia que diz: "Do Egito chamei o meu Filho" (Oseias 11:1).

Quando nosso Senhor ia a caminho da Cruz, encontrou um africano, Simão o Cireneu, vindo das ribeiras do Nilo, que carregou sobre os ombros o pesado madeiro. Assim, este rio tomou parte no grande plano dos séculos.

Que o espírito de sacrifício aqui simbolizado pelo rio Nilo mova todos os cristãos ao esforço para que o amor de Deus se manifeste no deserto deste mundo. □

—De "A Tocha Dominical"



espírito
de
serviço

não nos afastemos

—Harold Demott

“Tenho pena, pastor, mas não posso ir hoje à igreja. Preciso de visitar um amigo. Irei no próximo domingo. Também a hora do culto não é a mais conveniente para mim.”

Desculpas! . . . Quantas vezes você e eu as teremos formulado? A assistência à igreja, como qualquer outro hábito, precisa de ser cultivada. Havendo desleixo, acabará por desaparecer pouco a pouco.

A Palavra de Deus aconselha a cultivar esse *hábito*: “Não nos afastemos das reuniões da igreja, como é hábito de alguns. Façamos tudo o que pudermos para auxiliarmos o próximo, na fé, e tanto mais diligentemente quanto mais se aproxima Aquele Dia Final” (Hebreus 10:25, Phillips). Mas, por que será tão importante frequentar regularmente a igreja?

Deus mostrou-me os benefícios.

1. **Estudo bíblico.** Se não fosse a minha igreja nunca teria estudado a Bíblia com tanta devoção. A classe de Escola Dominical, os cultos devocionais e evangelísticos, bem como certas reuniões em casas particulares me estimulam a isso.

Na vida cristã faz falta a disciplina e a correção. Deus no-las ministra através dos conceitos que adquirimos na convivência com outros irmãos mais experientes na fé.

2. **Adoração.** Posso adorar a Deus em qualquer parte, mas a igreja e a companhia de outros crentes enriquecem a minha vida. Um sorriso, uma lágrima de gratidão, um testemunho de vitória, encham de alegria a minha alma. Desejo assistir com a assiduidade possível aos cultos da igreja!

3. **Companheirismo.** De há muitos séculos que o povo de Deus se reúne para desfrutar de companheirismo, a comunhão dos santos. Desde os começos neo-testamentários, a comunhão e companheirismo entre os cristãos adquiriram a mesma importância que a organização da igreja. Quem não reconhece a falta dum sorriso amável, dum aperto de mão, dum abraço fraterno, da comunhão de outros irmãos na fé?

A assistência à igreja não é algo antiquado. É tão necessário hoje como tem sido sempre.

Recordemos a exortação: “O dia do Senhor virá como o ladrão de noite. . . Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos e sejamos sóbrios” (I Tessalonicenses 5:2, 6). Nestes dias turbulentos por que estamos a passar, busquemos paz assistindo regularmente à igreja. Os tempos são maus e perigosos. “Não nos afastemos das reuniões da igreja.” □



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça **HOJE** a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

Nome _____

Endereço _____

NOVO ENDEREÇO



a língua é inflamável

—Philip N. Metcalfe

As palavras são muito importantes. Que seria do homem sem elas? A comunicação seria feita através de sinais, o que se tornaria aborrecido e pouco eficiente.

O homem conta com inúmeras palavras em mais de 3 000 idiomas e dialectos. Diz-se com frequência: "Vale mais uma imagem que mil palavras"; no entanto, para formular este ditado são necessárias palavras.

Ainda não foi inventada uma máquina mais complicada que a fala. Quando a língua se mexe dentro da boca, ouvem-se ondas sonoras através dum receptor que há no ouvido e, por um milagre orgânico, são interpretadas significativamente.

Uma só palavra pode emocionar ou afligir, entristecer ou alegrar. Um parágrafo pode aniquilar uma esperança, iniciar uma guerra, incendiar uma cidade, provocar uma discussão, acabar com relações amigáveis, dividir um lar ou arruinar a boa fama.

Durante a Segunda Guerra Mundial colocavam-se rótulos nas fábricas de armamento, para aconselhar aos operários: "Falar demasiado, sem pensar no que se diz, pode destruir a alma do mais valente".

Tiago descreveu a língua como "indomável... um fogo, um mundo de iniquidade, contamina todo o corpo, inflama o curso da natureza" (3:5-6).

A língua é como isca inflamável: exerce o poder misterioso de fazer bem ou mal. Algumas pessoas que falam sem pensar no que dizem, desculpam-se: "Digo o que penso e não me interessa se prejudico

os outros". E a verdade é que o conseguem com frequência.

Outros dizem: "Uma coisa é certa, eu sou honesto". E que diremos daquele que usa lisonjas para enganar o próximo?

O que "fala barato" costuma declarar: "Nunca digo nada sem tino, porque sei exprimir-me correctamente". Nunca se cala.

Certa menina perguntou a sua mãe:—Por que há trovões no céu?

—Não sei—respondeu a mãe—mas o teu pai sabe, pergunta-lho quando voltar do trabalho.

—Oh! não, concluiu a criança. Não quero uma explicação pormenorizada. Há pessoas que quando se lhes perguntam as horas são capazes de descrever a estrutura do relógio!

Graças a Deus pela pessoa que primeiro pensa naquilo que vai dizer e procura não ferir os ouvintes. Digamos o que é próprio no tempo mais oportuno.

Juntemos palavras de consolação quando há tristeza, de coragem quando há abatimento e de alívio quando há dor.

Usemos palavras amáveis, carinhosas e ditas com certa graça.

A nossa vida deve estar sob a direcção do Espírito Santo. Muitos desentendimentos no mundo e no lar podem ser eliminados se o Espírito Santo controlar o uso da nossa língua e transformar a crítica em palavras de apreço e de adoração ao Senhor.

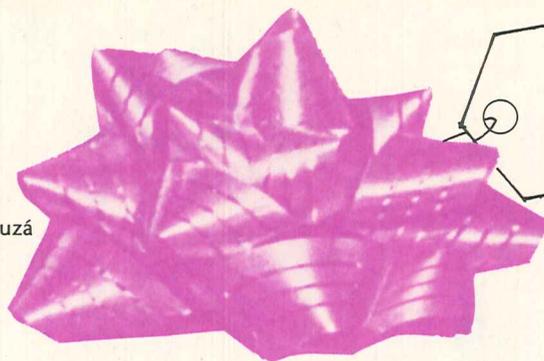
Façamos nossa a oração do Salmista: "Sejam agradáveis as palavras da minha boca e a meditação do meu coração perante a tua face, Senhor, Rocha minha e Libertador meu!" (Salmo 19:14). □



Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.

—Ramón Bauzá



dons
do espírito

O ministério cristão é frutífero e a colheita de almas abundante, quando aproveitamos os dons que o Espírito Santo nos concedeu.

O batismo com o Espírito Santo—segunda obra da graça—pressupõe frutos e dons. Geralmente falamos mais dos primeiros e descuidamos os segundos.

Eles capacitam o cristão a amar a Deus e a receber purificação e poder. Na prática, a canalização dos frutos do Espírito efectua-se através dos dons.

A capacidade de serviço é prerrogativa de todos os crentes: “Mas, a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil” (I Coríntios 12:7). No corpo de Cristo não deve haver membros inúteis.

Na Introdução à Teologia Cristã, H. O. Wiley diz: “Os dons do Espírito são capacidades sobrenaturais para o serviço e reconhecem-se pelo carácter do ministério a desempenhar. São vitais para o êxito da igreja. Os dons são distribuídos segundo a discrição do Espírito”.

Em três de suas epístolas, Paulo apresenta uma lista de dons (I Coríntios 12-14; Romanos 12; Efésios 4): sabedoria, ciência, fé, cura divina, milagres, profecia, discernimento, línguas e sua interpretação, dom de repartir, de serviço, de ensino, de presidir, de exortar, de misericórdia e de evangelista. Os discípulos usaram alguns dons do Espírito: Pedro, o de evangelista, cura e milagres; Filipe, o de evangelista e de cura; Tiago, o dom de presidir. Paulo, além da sua comissão apostólica, sobressaiu no dom de ensino, cura e discernimento.

Agabo era profeta. Paulo recomendou a Timóteo: “Mas tu, sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faze a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério” (II Timóteo 4:5).

Há quem diga que os dons do Espírito desapareceram da Igreja. Mas não é verdade. Num dos seus livros, J. Crane diz que cada crente deve fazer três coisas relacionadas com os dons do Espírito:

1. Reconhecer que eles lhe foram concedidos para ser mais útil.

2. Desenvolvê-los, pondo-os em prática.

3. Consagrá-los ao serviço de Deus e do próximo.

Na Sua infinita sabedoria e providência, Deus deixou-nos por intermédio de Paulo uma boa expli-

cação dos diversos dons repartidos na igreja, ao responder o apóstolo às perguntas que lhe fizeram os coríntios (I Coríntios 12:14).

Paulo declara que o problema não residia nos dons, mas na falta por parte da igreja de compreender o plano de Deus. Com a lista dos dons, realçaram-se três conceitos:

a) A acção do Espírito através dos dons (I Coríntios 12:1-12; Efésios 4:9; Romanos 12:16).

b) O corpo de Cristo, a Igreja (I Coríntios 12:12-17; Efésios 4:16; Romanos 12:4).

c) O que motivo a acção: o amor (I Coríntios 13; Efésios 4:16; Romanos 12:9).

Quando um deles é descuidado, começam os problemas. No caso dos coríntios, eles eram ricos em dons, mas não tinham noção clara da igreja. Em I Coríntios 12:12-27, Paulo explica em pormenor estas quatro regras fundamentais:

1. Os membros devem cumprir a sua tarefa (v. 15).

2. Colaborar para que outros realizem seu ministério (v. 17).

3. Todos são necessários (v. 24).

4. Reine união entre todos (v. 25).

De acordo com I Coríntios 12:14, Romanos 12 e Efésios 4, os dons do Espírito têm o seu campo de acção na igreja; são regulados por ela e servem para o seu crescimento, “segundo a actividade de cada membro”.

O princípio de acção é o amor. Em I Coríntios 13 não se reprovam os dons. Dá-se primazia ao amor traduzido em obras: “E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres... se não tiver amor, nada disso me aproveitará” (I Coríntios 13:3).

Ao tratar dos dons do Espírito Santo, reconhecemos seu duplo propósito: a) edificação do corpo de Cristo; b) extensão do Seu reino na terra.

Ultimamente algumas pessoas têm-se deixado enganar, reduzindo os dons do Espírito a línguas e curas.

Os verdadeiros sinais da presença do Espírito Santo são os Seus frutos. Não há qualquer conflito entre *dons* e *frutos*. Estes são o resultado de andar continuamente no Espírito. O homem que se consagra a Deus é por Ele capacitado com dons para o Seu serviço. □

SABIA?

A Casa Nazarena de Publicações
pode fornecer—livros—música—discos—
material para Escolas Dominicais.
Escreva-nos.
Teremos gosto em servi-lo.



PEÇA CATÁLOGO GRÁTIS.